



Fabiana de Oliveira Martins

Martí e Fidel

Apropriações e Negociações

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção o título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Maurício Parada

Rio de Janeiro

Dezembro de 2016

Ao meu avô,
que sonhou todos meus sonhos comigo.

Agradecimentos:

À minha família, que me deu todo apoio necessário para que chegasse até aqui e para que concluísse mais uma etapa na minha formação. Em especial à minha mãe, a mulher mais forte que conheço, que muitas vezes exerceu a função de pai.

Aos amigos que me acompanharam enquanto estive dedicada à realização do trabalho. Que sempre estiveram do meu lado, que ouviram minhas aflições e incertezas.

Aos meus colegas de curso, que acompanharam meu crescimento acadêmico e pessoal e auxiliaram sempre que preciso durante os cinco anos de graduação, em especial Juliana, Isabelle, Rhafaelle, Douglas e Fabiano.

Ao meu orientador, Maurício Parada, ao lado de quem trabalhei por mais de três anos e meio e quem sempre esteve disponível para me ajudar no que fosse preciso.

Ao Programa de Ensino Tutorial (PET História PUC-Rio) e todos os que passaram pelo grupo durante o tempo em que estive bolsista. Pelas leituras, projetos, discussões, estudo e trabalhos.

Ao Departamento de História da PUC-Rio, pelo carinho com que acolhem os alunos. Por me fazer sentir sempre em casa. E aos professores do curso, que por diversas vezes me fizeram pensar o ensino e meu objetivo enquanto Historiadora e professora de História.

À Luiza Catta Preta e Júlia Guimarães, que nos deixaram tão jovens, mas que me ensinaram a viver a vida com mais alegria e leveza.

Resumo

Fidel Castro estabeleceu um discurso de continuidade da Revolução Cubana em relação as lutas pela independência da ilha do colonialismo espanhol. Para isso, se apropriou dos discursos de José Martí na elaboração de uma narrativa para a Revolução enquanto um movimento nacionalista e anti-imperialista. O presente trabalho pretende analisar o discurso de ambos os políticos e como Fidel Castro realizou essa apropriação dos escritos de José Martí.

Palavras-chave: Revolução Cubana, Narrativa, Discurso, Nacionalismo, Anti-imperialismo.

Abstract:

Fidel Castro established a speech of continuity from the Cuban Revolutions in relation with the fights for independence within the island from the Spanish colonization. For that, Fidel appropriated José Martí's speeches in the elaboration of a narrative for the Revolution as a nationalist and anti-imperialist movement. The present work intends to analyze the speeches of both politicians and how Fidel Castro fulfilled this appropriation of the writings of José Martí

Keywords: Cuban Revolution, Narrative, Speech, Discourse, Nationalism, Anti-imperialism.

Resumen

Fidel Castro estableció un discurso de continuidad de la Revolución Cubana en relación con las luchas por independencia de la isla contra el colonialismo español. Para ello, se apropió de los discursos de José Martí en la elaboración de una narrativa para la Revolución como un movimiento nacionalista y antiimperialista. Este trabajo, así, pretende analizar el discurso de los dos políticos y como Castro realizó la apropiación de los escritos de Martí.

Palabras-claves: Revolución Cubana, Narrativa, Discurso, Nacionalismo, Antiimperialismo.

Sumário

Introdução.....	8
Pensamento e ação de José Martí durante as lutas pela independência.....	15
“Nuestra América” e a identidade latino-americana.....	15
Atividade política de José Martí	17
José Martí e a relação com os Estados Unidos	21
A atividade política de Fidel Castro	26
O episódio de Moncada e o projeto político da Revolução Cubana	27
Movimentação política da Revolução Cubana	31
Apropriação de Fidel Castro dos discursos de José Martí	35
O uso do conceito de Imperialismo por José Martí e Fidel Castro.....	38
O uso do conceito de Nacionalismo por José Martí e Fidel Castro	43
Conclusão.....	48
Bibliografia	51

Introdução

A revolução Cubana ocorreu num contexto de polaridade mundial e acirrou as rivalidades entre os blocos capitalista e socialista na efervescência dos conflitos internacionais da Guerra Fria. Nesse sentido, a Revolução foi imbuída de diferentes significados no decorrer do tempo, mudando posições e recebendo narrativas distintas de acordo com o momento que enfrentava.

Koselleck nos diz que o conceito de Revolução é fluído, abrangendo um campo semântico muito amplo. Segundo o autor, desde a Revolução Francesa, o termo revolução adquiriu possibilidades semânticas "*flexíveis, ambivalentes e ubíquas*"¹. Essa flexibilidade também pode ser observada na Revolução Cubana, em que as mudanças ideológicas e estruturais foram acompanhadas pela alteração linguística do termo revolução.

Se em Cuba, a partir de 1961, a revolução foi caracterizada pela adesão ao bloco socialista e pelo apoio à União Soviética, isso se deve a uma mudança gradual no contexto político do movimento revolucionário. Os primeiros levantes organizados por Fidel Castro tinham por objetivo derrubar o governo de Fulgêncio Batista bem como diminuir a presença norte-americana na ilha. Desde os primeiros momentos, Castro utilizou-se dos discursos de José Martí para legitimar suas ações, uma vez que este, lutando pela independência de Cuba em 1895, produziu diversos escritos nos quais denunciava a cobiça dos norte-americanos para com os países latinos. O termo Revolução Cubana, então, partiu de uma revolução nacionalista para uma situação em que a proposição socialista ocupou o cenário dos acontecimentos e dos discursos.

Assim sendo, mudaram-se paralelamente o ponto de vista linguístico do termo revolução, bem como as ações que dela decorreram. Dentre as diversas narrativas construídas a respeito dos acontecimentos em Cuba no período revolucionário, estão aquelas apresentadas por Fidel Castro no qual o discurso calcado na defesa do povo

¹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Contraponto, 2006. p. 62

cubano frente ao regime autoritário de Fulgêncio Batista e o nacionalismo alimentado pelo movimento anti-imperialista determinaram o primeiro momento da revolução como uma luta necessária.

Os acontecimentos estão associados a linguagem, e por esse motivo as narrativas são de tamanha importância para a Revolução Cubana. Através delas o conceito de revolução, bem como de imperialismo e nacionalismo, por exemplo, designaram um determinado momento da história de Cuba em que as ações revolucionárias tendiam a libertar a ilha da ditadura e da cobiça "ianque".

Uma vez, porém, que os conceitos possuem historicidade, os termos utilizados por José Martí no século XIX e por Fidel Castro no século XX passam por alterações em sua semântica. Os conceitos de imperialismo e nacionalismo transitaram de acordo com uma ideia que se movimentou. Segundo Koselleck é preciso entender o contexto histórico no qual os conceitos se localizam. Separados por quase cem anos, Martí e Castro mobilizaram tais conceitos de formas distintas, e a ressignificação dos termos pode criar um novo horizonte de expectativa. Segundo Koselleck, "*os momentos de duração, alteração e futuridade contidos em uma situação política concreta são apreendidos por sua realização no nível linguístico*"². Daí que projetos políticos estão associados a uma produção linguística que os articulam. Por esse motivo, Fidel Castro, na Revolução Cubana mobilizou um discurso, apoiando-se diversas vezes sobre os escritos de José Martí.

O presente trabalho pretende uma análise de como Fidel Castro se apropriou dos discursos de José Martí na elaboração do seu próprio, no primeiro momento da Revolução Cubana. Para isso, usamos os "Textos de Combate"³ de José Martí bem como "*Nuestra América*"⁴ para estabelecer um parâmetro a respeito do pensamento do autor. Para pensar a narrativa da Revolução Cubana, foram selecionados discursos proferidos por Fidel Castro entre os anos de 1959 a 1962. Foi utilizada, ainda sua

² *Ibid.* p. 101

³ MARTÍ, José *Textos de Combate*. México: Universidad Autónoma de México, 1980.

⁴ MARTÍ, José. *Nossa América = Nuestra América* / José Martí. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011

autodefesa publicada com o título "A História me absolverá"⁵ no qual Castro especifica quais eram os objetivos das suas ações revolucionárias, em 1953.

José Martí, que escrevia observando toda a América Latina, participou da independência de Cuba, liderando as lutas contra o domínio espanhol sobre a ilha. Sua preocupação estava, ainda, centrada no perigo que os Estados Unidos poderiam representar para todos os países latinos uma vez que o movimento imperialista norte americano esvaziava a soberania advinda desses países. Martí viveu por muito tempo nos Estados Unidos, lutando contra o colonialismo espanhol, porém já percebia a problemática aproximação estadunidense de Cuba. Fundador do Partido Revolucionário Cubano⁶, Martí, escreveu no dia anterior à sua morte em batalha uma carta a Manuel Mercado⁷ na qual alegava lutar por seu país e para evitar que os Estados Unidos avançassem pelas Antilhas. Considerado apóstolo da independência de Cuba, Martí liderou uma guerra de guerrilha que pretendia a independência da Espanha, e, também, dos Estados Unidos.

A independência de Cuba só viria se concretizar três anos após a morte de José Martí com auxílio norte americano. Se o apoio às guerras de independência cubana só se pôs de fato a partir de 1898, o interesse que o governo estadunidense tinha no território de Cuba era mais antigo. Desde Thomas Jefferson⁸ o governo dos Estados Unidos tomava medidas para ampliar seu território, isso se devia a crescente necessidade de terras para plantação de tabaco, açúcar e outras culturas que alimentavam a economia norte-americana. Os Estados Unidos cresciam com rapidez,

⁵ CASTRO, Fidel. *A História me Absolverá*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

⁶ Fundado por José Martí em 1892 para organizar as lutas pela independência de Cuba e estabelecer uma república democrática. O primeiro documento do partido fundamentava a seus propósitos quanto à independência cubana e o auxílio à Porto Rico, além de defender o país das ameaças estrangeiras.

⁷ Manuel Antônio Mercado y de la Paz: mexicano, viveu entre 1838 e 1909. Iniciou uma amizade com José Martí logo após sua chegada ao México. Além de ajudar o cubano em diversos momentos, guardou mais de cem cartas dele, que nos permitem estudar mais a fundo seu pensamento e sua luta.

⁸ Thomas Jefferson (1743 - 1826): terceiro presidente dos Estados Unidos entre os anos de 1801 e 1809. Um dos mais influentes Pais Fundadores da nação norte-americana, foi o principal autor da Declaração de Independência do país, defendendo o republicanismo como forma de governo. Dentre os maiores feitos de sua presidência está a compra da Louisiana, que despertou o interesse na expansão territorial pelos norte-americanos.

tornando-se um dos maiores países manufatureiros do mundo, o que justificava a necessidade de expansão. Assim como Thomas Jefferson, John Quincy Adams⁹ pretendia a expansão do território americano e reivindicava a anexação de Cuba por considerá-la parte do território dos Estados Unidos, sendo fundamental para a proteção do Golfo do México e do Canal do Panamá.

Por esses motivos, os Estados Unidos, sob o governo do então presidente William McKinley¹⁰, entraram na guerra contra o governo espanhol. Segundo Luiz Alberto Moniz Bandeira, a independência de Cuba da Espanha significava anexá-la ao território dos Estados Unidos¹¹. Com a autorização do congresso o governo norte americano enviou para cuba o navio USS Maine, que deveria "proteger os cidadãos e as propriedades norte-americanas". Sob a acusação de sabotagem ao navio, o governo espanhol foi obrigado a renunciar à soberania sobre Cuba, concedendo-lhe a independência. Em uma campanha de 10 semanas a Espanha estava totalmente rendida, no que ficou conhecida como "*Esplendid little war*" (Nossa esplêndida Guerrinha).

Mesmo diante da emancipação da Espanha, no entanto, Cuba manteve-se em relação de dependência, porém, agora, com os Estados Unidos, que inseria na constituição cubana a Emenda Platt, autorizando a intervenção norte-americana sempre que "a ordem e a estabilidade do país fosse ameaçada". Segundo José Maurício Domingues, "*Cuba realizou sua independência da Espanha tardiamente, apenas para cair em uma situação de dependência neocolonial explícita do governo norte-americano*"¹². Dessa forma, a independência não significou, de fato, a

⁹ John Quincy Adams (1767 - 1848): sexto presidente dos Estados Unidos, governando o país de 1825 a 1829. Como maior contribuição à política norte-americana elaborou a Doutrina Monroe, quando secretário de estado do governo Monroe.

¹⁰ William McKinley (1843 - 1901): governou os Estados Unidos de 1897 até seu assassinato em 1901. Sob seu governo o país venceu a Guerra Hispano-Americana. Insistiu que a Espanha devia conceder independência de Cuba de forma pacífica, mas ao falharem as negociações e ter as colônias norte-americanas em Porto Rico, Guam e Filipinas atacadas, entrou na guerra contra os espanhóis vencendo-os.

¹¹ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2.ed., 2009. p.49

¹² DOMINGUES, José Maurício. *A revolução cubana entre o passado e o futuro* in: Análise de

concretização do projeto da Cuba Livre tão defendido por José Martí. A política de imperialismo dos Estados Unidos substituíra a colonização espanhola.

Desde antes da independência Martí já olhava com desconfiança para as investidas dos Estados Unidos sobre a América Latina. Para ele era preciso olhar para as propostas norte-americanas com relação aos países latinos com atenção. Martí ressaltava que, enquanto o governo dos Estados Unidos não reconhecesse a América Latina como tal, não seria possível que se estabelecesse uma relação amigável entre ambos. Foi nesse contexto de conflitos políticos e lutas que Martí, com seu pensamento, inspirou correntes contra o imperialismo norte-americano. Pensamento esse, que foi resgatado durante a revolução de 1959.

O "Breve Século XX", nas palavras de Hobsbawm, foi atravessado por diversos conflitos internacionais dentre os quais a Guerra Fria, que durou desde a II Guerra Mundial até a queda da URSS em 1991. Por 46 anos o mundo se viu polarizado entre duas grandes potências antagônicas: de um lado os Estados Unidos, liderando o capitalismo; do outro, a União Soviética com o socialismo. No intermédio dessa guerra de ordem ideológica que agitava o mundo, Cuba enfrentava um conflito político que acabaria por direcioná-la ao bloco socialista da Guerra Fria. A intervenção norte-americana da qual José Martí tanto havia falado era um fato concreto na ilha e desagradava uma parcela politicamente ativa da população. Embora, porém, a Revolução tenha se iniciado contra o imperialismo norte-americano e a ditadura estabelecida por Fulgêncio Batista, não pretendia, em primeiro momento, o socialismo que atingiu a partir do embargo econômico realizado pelo governo dos Estados Unidos.

Ao organizar o que ficou conhecido como Movimento 26 de julho (M-26-7)¹³, Fidel Castro, que vivia em exílio, contou com o auxílio do argentino Ernesto "Che"

conjuntura OPSA. N.3, mar, 2008. p. 05

¹³ Movimento 26 de julho (M-26-7): criado no México por Fidel Castro, Ernesto "Che" Guevara e Camilo Cienfuegos. O grupo pretendia voltar a Cuba e tomar o poder, instalando uma democracia no país. O nome dado ao projeto criado por eles faz referência ao assalto ao Quartel de La Moncada,

Guevara e de seu irmão Raul Castro. Sob forma de uma guerra de guerrilha, o movimento tinha por objetivo principal derrubar o governo autoritário exercido pelo então presidente de Cuba, Fulgêncio Batista¹⁴, e redemocratizar o país. Em 1958 a América Latina, segundo Bandeira¹⁵, parecia se inclinar ao lado da esquerda. Embora líderes da Revolução Cubana já tivessem entrado em contato com ideais marxistas, o socialismo não perpassava, nesse momento, suas ações. Ainda assim, o avanço do movimento revolucionário em Cuba, seguido da fuga de Fulgêncio Batista do país, alarmou o governo norte-americano, sobretudo por conta do caráter fortemente anti-Estados Unidos.

Mesmo que o M-26-7 fosse encarado como um movimento comunista e Fidel Castro considerado "agitador das massas", os comunistas em Cuba associados ao Partido Socialista Popular¹⁶ (PSP) repudiaram suas ações. Embora os líderes da Revolução, Fidel e Raul Castro, Ernesto "Che" Guevara e Camilo Cienfuegos, simpatizassem com a esquerda, foram fortemente criticados pelo PSP. Segundo Bandeira, os dirigentes do Partido não consideravam os comandantes do exército revolucionário como aliados, se opunham à ação armada e defendiam a implementação do comunismo por vias pacíficas. Insistiam que o governo Batista somente poderia ser derrubado pelo povo, que sob sua liderança o fariam através de eleições livres e imediatas. Lançando voz de ordem, porém, Fidel declarou que o movimento por ele liderado significava "*Revolución Si, Golpe Militar No!*"¹⁷.

Só eram considerados comunistas de Cuba aqueles que se filiavam ao PSP e, com exceção de Raul Castro, nenhum dos dirigentes da Revolução jamais o tinha

ocorrido em 26 de julho de 1953, derrotado pelas forças do governo Fulgêncio Batista.

¹⁴ Fulgêncio Batista (1901 - 1973): nomeou-se chefe das forças armadas em 1933, mantendo-se no controle de Cuba atuando por trás do governo. Foi presidente eleito entre 1940 e 1944. Voltou a se candidatar a presidência da ilha, porém, diante da eminente derrota, liderou um golpe militar que antecipou as eleições. Voltou ao poder em 1952, quando iniciou uma série de medidas ditatoriais na ilha. Permaneceu na presidência de Cuba até a tomada de poder por parte de Fidel Castro em 1959.

¹⁵ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Op. Cit.* p. 172

¹⁶ Partido Socialista Popular: fundado em 1925 como Partido Comunista Cubano. Permaneceu na clandestinidade até o final da década de 1930 e em 1944 recebeu o nome definitivo, Partido Socialista Popular (PSP).

¹⁷ *Ibid.* p. 196

feito. O movimento, portanto, não tinha nenhuma ligação prática com o comunismo, embora o sentimento anti-Estados Unidos fosse uma marca muito forte. Segundo Bandeira, ao perceber que Cuba tinha se tornado independente da Espanha, mas havia caído em um laço de dependência com os Estados Unidos, Fidel Castro alimentou seus sentimentos contra o governo norte-americano. Sentimentos esses adensados pelos ideais martianos. Ao traçar um plano político em que a democracia e o nacionalismo eram temas e objetivos centrais, Castro fez uma releitura das obras martianas e apoiou-se nas lutas pela independência para legitimar suas ações.

O trabalho foi dividido em três capítulos, além da conclusão. O primeiro capítulo trata da atividade política de José Martí no momento das lutas pela independência de Cuba do colonialismo espanhol e da preocupação do líder com o avanço dos Estados Unidos sobre os países da América Latina. No segundo capítulo tratamos das ações revolucionárias de Fidel Castro no primeiro momento da Revolução, bem como dos seus discursos de nacionalistas e anti-imperialistas. Ao terceiro capítulo do trabalho foi reservado o esforço de articular e analisar a forma como Castro se apropriou dos discursos de Martí na elaboração de uma narrativa para a Revolução Cubana bem como de pensar a forma como os conceitos de nacionalismo e imperialismo foram usados por ambos.

Pensamento e ação de José Martí durante as lutas pela independência

“*Nuestra América*” e a identidade latino-americana

Nascido em 28 de janeiro 1853, José Julián Martí Perez possui uma vasta obra (dentre elas ensaios, poemas, crônicas e discursos) compilada nas chamadas Obras Completas. Ao longo dessa diversa produção o autor discorreu sobre questões políticas, sociais, econômicas, entre outros assuntos. Seus escritos nos permitem acompanhar a trajetória intelectual de Martí, bem como os debates e interlocuções construídas por décadas de contínua produção.

A mais importante obra de José Martí, publicada em 1891, recebeu o título de "*Nuestra América*", um dos textos centrais para o presente trabalho. No ensaio, ele discorre sobre sua concepção de unidade latino-americana, deixando ver como essa unidade é importante para designar quem são os inimigos e traçar práticas de lutas contra eles. Na obra Martí chama os povos latinos a lutarem contra a perspectiva colonial que se colocou sobre suas identidades e a reinventar uma América Latina nova, fora dos laços de dominação colonial.

Segundo Regiane Cristina Gouveia, *Nuestra América* surgiu num contexto em que prevalecia a ideia de que a América Latina era um "corpo enfermo" corrompido pela mistura racial¹⁸. As ideias advindas das teorias racistas da Europa, aliadas ao desenvolvimento científico foram fortemente combatidas por José Martí em *Nuestra América*. Ele reafirmou uma identidade comum latino-americana apoiada na origem indígena e na união dos povos para lutarem juntos. “*Os povos que não se conhecem têm que se apressarem para se conhecerem, como os que vão lutar juntos*”¹⁹.

Para Martí a originalidade da identidade latino-americana frente a de outros povos colonizados estava justamente na mestiçagem. Daí a importância da

¹⁸ GOUVEIA, Regiane Cristina; PAMPLONA, Marco Antonio Villela. *O enigma latino-americano: construção de identidades e polarizações entre América Latina e Estados Unidos nos escritos de Martí e Rodó*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012. p. 59

¹⁹ MARTÍ, José. *Nossa América = Nuestra América / José Martí*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011. p. 12

independência para forjar as raízes da América Latina. Diz ele: "*governante num povo novo quer dizer criador*"²⁰. Martí acreditava na formação de uma nova identidade latino-americana projetada para o futuro, porém fixada na necessidade de reelaborar seu passado.

Ao conclamar *Nuestra América*, José Martí convocou todos os povos que, assim como Cuba, tinham uma história interligada à tradição ibérica e, como diz Gouveia, que possuíam populações que carregavam consigo o sangue de vários povos que sofreram com a exploração colonial²¹. Ao contrário da modernidade europeia e da ideia de branqueamento utilizada nos Estados Unidos, José Martí valorizou a cultura indígena. Disse ele: "*A história da América, dos incas para cá, deve ser ensinada minuciosamente, mesmo que não se ensine a dos arcontes da Grécia. A nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. Nos é mais necessária*"²². José Martí, portanto, tinha um olhar diferenciado dos seus contemporâneos para as origens da América Latina defendendo o que era específico do continente.

Além da ideia da identidade, em *Nuestra América* Martí denunciou, ainda, o desdém para com as origens latinas e rejeitou governos criados por leis herdadas por "*quatro séculos de prática livre nos Estados Unidos ou dezenove séculos de monarquia na França*"²³. Criticou a educação ao passo que ela "importa o conhecimento". Denunciou a falta de universidades que ensinassem a governar, ou seja, "*analisar os elementos peculiares da América*"²⁴. Segundo Martí, os jovens saíam das universidades com "óculos ianques ou franceses" para governar um povo que não conheciam. Para ele, essas pessoas deviam ter o acesso à política negado. Constatou que apesar das lutas pela independência, os povos da América estavam acomodados nos elementos herdados do colonizador despótico. Indicou uma mudança de pensamento no interior da América.

²⁰ *Ibid.* p. 19

²¹ GOUVEIA, Regiane Cristina. *Op. Cit.* p. 60

²² MARTÍ, José. *Op. Cit.* p. 20 - 21

²³ *Ibid.* p. 16

²⁴ *Ibid.* p. 19

Distinguiu *Nuestra América* dos “Vizinhos” e ao fazê-lo ressaltou o perigo da “*diferença de origens, métodos e interesse entre os fatores continentais*”²⁵ e colocou a possibilidade de a América do Norte se lançar na tradição da conquista. Ressaltou a necessidade de lutar contra os “tigres de dentro” e os “tigres de fora”. Sendo os primeiros os próprios latino-americanos imbuídos de pensamentos positivistas do fim do século XIX e admirados com o avanço e desenvolvimentos de alguns países europeus e dos Estados Unidos; os segundos, “tigres de fora”, seriam representados pelos norte-americanos que em sua política imperialista se lançavam na conquista dos países latinos.

Os ideais expostos em *Nuestra América* perpassam várias outras obras do autor. Mais que a delimitação do ser latino-americano, o ensaio é uma articulação que relaciona teoria e cultura, pensamento e ação elementos que marcaram fortemente a trajetória de José Martí. Essa associação entre pensamento e ação, sendo quase indissociável a existência desses dois elementos, foi exposta em suas obras bem como em sua história. José Martí se propunha a pensar uma identidade para a América Latina, mas para além se concentrava em pensar nos povos oprimidos frente aos opressores e em encontrar um novo destino para essa relação. Pensar no seu tempo era, para Martí, tão importante quanto atuar nele, não por acaso, suas obras são acompanhadas das ações nas lutas pela independência de Cuba e para evitar o avanço dos Estados Unidos pela América Latina. Diante disso, versaremos, aqui, sobre sua vida política, suas lutas e suas obras para pensar a forma como inspirou outros movimentos.

Atividade política de José Martí

Em 1869, ano em que se iniciaram as lutas pela independência em Cuba, Martí escreveu para o periódico “*La Patria Libre*” expressando seus ideais independentistas. Seu envolvimento em atividades políticas o levou à prisão com apenas dezesseis anos. José Martí se tornou líder das lutas pela independência em Cuba logo após seu exílio, em 1871. Ao sair de Cuba o pensador partiu para a

²⁵ *Ibid.* p. 31

Espanha e logo transitaria por diversos países, tornando-se um observador da vida política e da cultura dos mesmos ao passo que, paralelamente, pensava criticamente o projeto de independência traçado por seu povo num contexto de conflitos políticos em Cuba. Foi no exílio que José Martí pensou a questão das origens da América Latina e floresceu em suas publicações. Graduado em direito, filosofia e Artes na Espanha, voltou a Cuba em 1878 e foi novamente exilado em setembro do ano seguinte. Em 1881 chegou aos Estados Unidos, onde publicou em diversos periódicos, que o permitiram difundir seus ideais. Foi, ainda um dos fundadores do Partido Revolucionário Cubano, que:

*"(...) no surgió de la vehemencia pasajera, ni del deseo vociferador e incapaz, ni de la ambición temible; sino del empuje de un pueblo aleccionado, que por el mismo Partido proclama, antes de la república, su redención de los vicios que afean al nacer la vida republicana."*²⁶

O Partido Revolucionário Cubano foi uma etapa no processo de independência de Cuba e Porto Rico, criado, então com a responsabilidade de organizar e conduzir o projeto político para o qual se destinava. Ao criar o Partido Revolucionário Cubano, José Martí declarou que *"el Partido Revolucionario Cubano, es el pueblo cubano."*²⁷ Ao fazê-lo promoveu, ainda a sua intenção na existência de uma identidade para Cuba que passava pela constituição do "povo cubano" a partir de um projeto político virtuoso.

Associado ao projeto de independência, José Martí defendeu ainda a República. Para ele a associação desses dois componentes é responsável pelas mudanças necessárias na ilha. O político reconhecia os perigos advindos dos anos de colonização e *"los peligros de la soberania y de la aspiración en un pueblo que tuvo esclavos hasta ayer"*²⁸. Para ele, portanto, era necessário que as mudanças fossem radicais, e a luta imparcial: *"se morirá pela republica después, se es preciso, como se*

²⁶ MARTÍ, José. El Partido Revolucionario Cubano. In: MARTÍ, José *Textos de Combate*. México: Universidad Autónoma de México, 1980. p. 172

²⁷ *Idem*

²⁸ MARTÍ, José. "¡Vengo a darte patria!" Puerto Rico y Cuba. *Idem*, p.182

morrirá por la independencia primero"²⁹. Insistia, no entanto, que o que tornava as repúblicas da América Latina fracas e passíveis de tirania eram as heranças deixadas pelo colonialismo nas estruturas políticas que perpetuavam a visão dos europeus sobre sua própria identidade.

O projeto político de José Martí era muito moderno para sua época e se inseria numa série de disputas a respeito de uma representação para a América Latina. Novas perspectivas de futuro foram criadas tendo em vista o projeto martiano. Sua concepção de liberdade tinha como ideia central a independência de Cuba, que não se reduzia à autonomia do governo cubano à colonização espanhola. A liberdade da qual Martí falava estava associada à república como forma de governo e ao nacionalismo, porém era ainda mais profunda. Ela implicava uma noção de mudança de pensamento, pela qual o povo podia pensar sobre si a partir da sua própria realidade. Ou seja, a constituição da República de Cuba não seria o suficiente para tornar os cubanos (ou qualquer outro povo da América Latina) livres. Martí insistia na mudança do pensamento, pois sabia que as raízes criadas pela relação colonial eram profundas. Para ele era preciso uma mudança radical para que as estruturas de dominação não permanecessem.

Martí se referiu às lutas de independência ora como revolução ora como redenção. Sendo o termo "revolução" dotado de sentido de mudança desde a Revolução Francesa, Martí imprimia ao contexto que Cuba vivenciava a ideia de transformações tanto no que diz respeito à política colonial, quanto as relações sociais no interior da ilha. Nesse caso, a independência seria uma redenção pois esta salvaria Cuba do governo tirânico estabelecido pelos espanhóis. No futuro por ele projetado as desigualdades por cor, raça, casta ou região, dariam lugar à igualdade. Sobre a associação da liberdade por ele desejada e as mudanças projetadas em sua luta, diz ele: *"triunfará la libertad indispensable al logro y disfrute del bienestar legítimo (...) porque por la guerra se obtendrá un estado de felicidad superior a los esfuerzos que*

²⁹ *Ibid.* p. 180

se han de hacer por ella."³⁰ Martí defendia que se a guerra vem para que as mudanças necessárias sejam realizadas, então, ela é legítima. A guerra é preferível à tirania por ser um "*procedimiento político*" conveniente a Cuba, pois através dela se resolverá "*definitivamente una situación que mantiene y continuará manteniendo perturbada el temor de ella.*"³¹ A Revolução da qual fala José Martí seria mais que a mudança *dos* homens que exercem o poder, mas antes uma mudança *nos* homens que o fazem.

Crítico à intelectualidade modernizadora de sua época, que procurava reproduzir os padrões europeizados, José Martí insistia que o exercício da política devia vir associado a um profundo conhecimento da realidade do contexto ao qual cada governante está inserido. Nesse caso, para governar Cuba não era suficiente saber como governar na Europa, mas ser aquele que conhece e governa de acordo com os elementos que compõem o seu país.

*"O governo tem que nascer do país. O espírito do governo tem que ser o do país. A forma de governo tem que se ajustar à constituição própria do país. O governo não é mais do que o equilíbrio dos elementos naturais do país."*³²

O "inimigo" de uma nação, assim, deve ser o estrangeiro, que recusa as origens da determinada nação para governá-la de acordo com critérios adversos, ignorando o outro para servir aos seus interesses pessoais. "*El adversario es el gobierno ajeno que en nombre da España niega el derecho de hombres a los hijos de los españoles, y atiza el odio entre los hijos e los padres*"³³. A política para Martí deve servir ao povo, promovendo seu bem-estar e eliminando a tirania estabelecida pelo governo colonial.

³⁰ MARTÍ, José. Nuestras Ideas. Idem, p. 161

³¹ *Idem.*

³² MARTÍ, José. *Nossa América = Nuestra América* / José Martí. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011. p. 17

³³ MARTÍ, José. El Partido Revolucionario Cubano. In: MARTÍ, José *Textos de Combate*. México: Universidad Autónoma de México, 1980. p. 170

*"Conhecer o país e governá-lo conforme o conhecimento é a única forma de livrá-lo das tiranias"*³⁴.

José Martí e a relação com os Estados Unidos

O afastamento de qualquer governo que não seja advindo das origens do próprio povo a ser governado é reflexo da ideia de identidade e unidade proposta por José Martí. A medida que a ameaça de avanço dos Estados Unidos pelo continente se intensificava, a ideia de unidade se fortalecia. Ao falar em nome da América e projetar a unidade dos países que partilhavam o mesmo legado cultural, delimitou a diferença dos povos latino-americanos frente a outros, como por exemplo, os Estados Unidos. É nessa relação, à qual Martí deteve parte do seu tempo e de seus escritos, que nos debruçaremos aqui.

Após a Guerra de Secessão³⁵ os Estados Unidos deram início a um processo de desenvolvimento que encantou a muitos latino-americanos. A admiração oriunda do avanço norte-americano levou intelectuais e políticos a incentivarem a aproximação com o "colosso do norte". Seguindo a lógica contrária, no entanto, José Martí criticou tal postura, e ressaltou as diferenças existentes entre os Estados Unidos e a América Latina. A época era propícia a distinções entre as "duas Américas", no entanto, a modernidade via a América Latina como enferma, por conta da heterogeneidade presente em sua origem, enquanto os Estados Unidos, uma vez que detendo homogeneidade em suas etnias fundadoras, representariam o modelo de modernização e avanço.

³⁴ MARTÍ, José. *Nossa América = Nuestra América* / José Martí. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011. p. 20

³⁵ Também chamada de Guerra Civil Americana, foi o conflito entre os estados do Norte e os estados do Sul dos Estados Unidos. Os sulistas defendiam interesses aristocráticos, latifundiários e escravistas, práticas que determinavam a economia e o modo de produção da região. Por outro lado, os habitantes do norte do país já haviam desenvolvido significativa capacidade industrial e grande parte deles descartava a escravidão como opção para o crescimento econômico. O fim do conflito se deu após a derrota dos interesses da região sul. O governo dos Estados Unidos aboliu por completo a escravidão no país e os norte-americanos assumiram uma postura econômica na linha dos interesses do norte, guiada para o desenvolvimento industrial e expansão do mercado interno.

Martí, portanto, acompanhado de outros intelectuais que pensavam como ele, criou certa polarização entre Estados Unidos e América Latina. O pan-americanismo³⁶ muito o preocupava uma vez que, enquanto viveu na América do Norte participou das primeiras reuniões da Conferência pan-americana convocada pelos Estados Unidos em 1889. O movimento pan-americano surgiu em 1880 e ocupou o cenário político e intelectual da América durante os anos 80, sendo reforçada na segunda metade da década. Segundo Gouveia, na segunda metade do oitocentos, os Estados Unidos passaram a despertar em intelectuais e políticos latino-americanos a desconfiança de suas intenções imperialistas. Ele foi um dos primeiros intelectuais a denunciar o desejo de avanço do governo norte-americano pelo continente e em 1889 publicou um texto no periódico *La Nación* insistindo na necessidade de olhar com cuidado o convite feito pelos Estados Unidos para os países latinos.

*"Termina ya el paseo de los delegados, y están al abrirse las sesiones del congreso internacional. Jamás hubo en América, de la independencia acá, asunto que requiera más sensatez, ni obligue a más vigilancia, ni pida examen más claro y minucioso, que el convite que los Estados Unidos potentes, repletos de productos invendibles, y determinados a extender sus dominios en América, hacen a las naciones americanas de menos poder, ligadas por el comercio libre y útil con los pueblos europeos, para ajustar una liga contra Europa, y cerrar tratos con el resto del mundo."*³⁷

Como já vimos, o avanço tecnológico dos Estados Unidos crescia com rapidez e era preciso encontrar mercado para a demanda de produtos industriais advindos daquele país. Para Martí, o propósito pan-americano encobria o interesse comercial da jovem indústria norte-americana e devia ser olhada com cuidado, pois o avanço pretendido pelo governo dos Estados Unidos tomaria a América Latina, que teria de "*declarar su segunda independência*"³⁸.

³⁶Doutrina, criada logo após as independências, que pretendia a criação de uma aliança política entre todos os países da América, sob forma de cooperação continental.

³⁷ MARTÍ, José. Congresso Internacional de Washington. Su historia, sus elementos y sus tendencias. In: MARTÍ, José. *Textos de Combate*. México: Universidad Autónoma de México, 1980. p 82

³⁸ *Ibid.* p. 83

A conferência, convocada pelos Estados Unidos, propunha, entre outras coisas, uma união monetária internacional e a criação e adoção de uma moeda comum de prata. Porém, segundo Martí o projeto devia ser avaliado cuidadosamente, pois "*ningún pueblo hace nada contra su interés; de lo que se deduce que lo que un pueblo hace es lo que está en su interés.*"³⁹ Martí, insistia que as nações só deviam se aliar quando possuíssem interesses em comum, e questionava o interesse dessa união para *nuestra América*. Não havendo interesse em comum na união proposta, uma aliança representaria um grave erro para a América Latina.

Para Martí as nações menores, que ainda não tinham se organizado não deviam se unir as nações maiores, como era o caso dos Estados Unidos, que procuravam escoar seus produtos industriais. Nesse caso, explicou ele, a união econômica se converteria em união política. A relação de exploração colonial daria lugar a uma relação em que o povo que vendesse mandaria enquanto que o povo que comprasse seria explorado, sendo necessário, portanto encontrar um equilíbrio comum para que a tirania não voltasse a se estabelecer. Daí a necessidade de observar com cuidado as propostas do Congresso e qualquer união desejada com os Estados Unidos. Para José Martí eram visíveis as intenções imperialistas do governo norte-americano e caso os países latinos não reagissem, o "colosso do norte" avançaria pelo continente, que sofreria o domínio de uma nova potência colonizadora.

Segundo Regiane Cristina Gouveia, após a Guerra de Secessão a região caribenha foi transformada em numa região de forte influência norte-americana, reservada a receber investimentos e a atender as necessidades dos Estados Unidos. Daí a importância econômica do Pacífico e da América Central. Pela região seria possível a escoação da indústria estadunidense e maior "visibilidade" do continente americano. Além do controle, como já vimos, do Golfo do México e do Canal do Panamá. Diante do contexto vivenciado, os Estados Unidos foram tema de muitos debates políticos e intelectuais. Se por um lado existiam aqueles que admiravam o

³⁹ MARTÍ, José. La Conferencia Monetaria de las republicas de America. Idem, p. 141

desenvolvimento norte-americano, por outro havia intelectuais com uma percepção diferente do movimento, que iam contra o que consideravam ser a ameaça ianque.

Martí viveu dez anos nos Estados Unidos. Viu de perto o progresso e o desenvolvimento do que considerava ser a república mais rica que conhecera até então. Admirava a cultura e a liberdade de pensamento que encontrou na América do Norte. Porém desconfiava da forma de governar dos norte-americanos. Chocava-se com a ambiguidade de uma sociedade que, por um lado se mostrava inspiradora nas questões da liberdade e por outro lado era marcada pela postura imperialista. Esse era um diferencial de José Martí frente a outros intelectuais de sua época. Enquanto muitos pensavam a política pan-americana como uma oportunidade de desenvolvimento dos países latinos, Martí repudiava a forma de fazer política dos Estados Unidos e entendia que tais propostas representavam uma ameaça à América Latina. Disse ele em carta escrita a Manuel Mercado: "*Viví en el monstruo, y le conozco las entrañas*"⁴⁰.

O problema encontrado por José Martí, no entanto, não era o projeto nacional norte-americano, que apresentava características republicanas interessantes a seu ver, mas a imposição desse projeto às nações latinas. Martí condenava o imperialismo econômico e cultural e as relações desiguais de força entre uma potência industrializada e os povos de *nuestra América*, ainda em formação. Além disso, apontou os indícios de uma amizade unilateral, cada vez mais evidentes para ele. Foi diante dessas circunstâncias que José Martí empenhou-se não apenas em lutar contra a independência de Cuba, mas para além, para evitar o avanço dos Estados Unidos pela América Latina. Procurou evitar que o futuro de autonomia e independência dos países latinos fossem ameaçados por uma situação neocolonial.

Martí, portanto, foi um dos maiores observadores do imperialismo norte-americano em seu tempo. Para ele, as iniciativas dos Estados Unidos indicavam claramente a sua intenção de domínio territorial, político e econômico sobre as nações latinas. Em seus discursos não apenas apontou para uma realidade de avanço norte-

americano, como expôs os elementos que corroboravam para isso. Escreveu um dia antes de sua morte (19 de maio de 1895), em combate contra as forças colonizadoras da Espanha em Dois Rios:

*"(...) ya estoy todos los días en peligro de dar mi vida por mi país y por mi deber - puesto que lo entiendo y tengo ánimos con qué realizarlo - de impedir a tiempo con la independencia de Cuba que se extiendan por las Antillas los Estados Unidos y caigan, con esa fuerza más sobre nuestras tierras de América."*⁴¹

Os discursos de José Martí, associados a sua ação política nos mostram sua intensa luta para a realização de um projeto político que implicava liberdade, associada à mudança de pensamento e fim da colonização, e à criação de uma identidade latino-americana, advinda juntamente com a constituição da unidade de *Nuestra América*. Para ele, pensar e conhecer era imprescindível para a atuação do homem no seu momento histórico. Essa era uma postura muito inovadora para sua época, porém suas correntes de pensamento foram recuperadas meio século depois na Revolução Cubana, onde encontrou terreno fértil para florescer com mais força e concretude. Veremos no próximo capítulo como se deu essa recuperação e de que forma Fidel Castro se apropriou dos discursos de José Martí para elaborar um discurso político para o momento da Revolução bem como projetou um futuro para Cuba sob os ideais resgatados em *Nuestra América* e em outros discursos martianos.

⁴⁰ MARTÍ, José. A Manuel Mercado. Idem, p. 209

⁴¹ *Ibid.* p. 208

Fidel Castro e a construção da narrativa referente à Revolução Cubana

A atividade política de Fidel Castro

Quando Fidel Alejandro Castro Ruz nasceu, em 1926, Cuba já vivia há mais de um quarto de século sob uma situação de dependência neocolonial com os Estados Unidos. O governo norte americano intervinha constantemente nas questões políticas, sociais e econômicas da ilha. Nesse contexto de interferência externa, Fidel Castro, formado em direito, voltou suas atividades para os movimentos estudantis, onde encontrou espaço para iniciar sua atividade política. Foi no meio estudantil que se apuraram suas concepções sobre os problemas de Cuba e propôs formas para solucioná-los.

Fidel Castro iniciou suas atividades políticas ainda muito jovem. Segundo Emir Sader, sua trajetória se confunde com a da própria Revolução Cubana desde as lutas pelo fim do governo Batista até a caracterização de Cuba como um país socialista. Diz o autor que, embora outros líderes revolucionários tenham personificado os movimentos históricos que dirigiram, o caso de Fidel Castro possui características que o diferenciam dos outros

*"seja porque o fundamental de sua evolução ideológica se deu paralelamente ao desenvolvimento do próprio processo revolucionário, indo do democratismo radical ao socialismo, seja porque, tendo chegado relativamente jovem ao poder, Fidel pôde continuar à cabeça do processo revolucionário, já por mais de um quarto de século, com lucidez e disposição física, confundindo, assim, absolutamente sua biografia com a história da Revolução Cubana."*⁴²

Nessa perspectiva, a figura de Fidel Castro está atrelada ao movimento revolucionário ao passo sua atividade política se desenvolveu em paralelo aos acontecimentos referentes à Revolução Cubana.

Segundo a narrativa constituída no cerne da Revolução Cubana, a vida

⁴² CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Fidel Castro: Política*. São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 07.

política de Castro já se iniciou sob o signo da continuidade em relação às lutas pela independência de Cuba no século anterior. Nesse sentido, o processo revolucionário que culminou na derrota de Fulgêncio Batista e a instauração de um governo liderado por Fidel Castro estaria intimamente ligado à repercussão das obras de José Martí (sobretudo *Nuestra América*) no continente latino americano. Assim Fidel Castro reinscreveu as ideias de José Martí enquanto produtoras de novos significados e possibilidades para a ilha durante a luta pela democracia e autonomia frente à intervenção do governo dos Estados Unidos nas questões de Cuba.

O episódio de Moncada e o projeto político da Revolução Cubana

A independência de Cuba, projeto pelo qual José Martí lutou, apenas se concretizou após a sua morte, com a participação dos Estados Unidos, que para expandir seu domínio pela América Central, apoiaram a libertação da ilha dos domínios coloniais da Espanha. Apenas em 1902 foi criada a República de Cuba, mas já com forte vínculo de dependência dos Estados Unidos. Concretizou-se, assim, o projeto político contra o qual Martí havia lutado e elaborado suas concepções de liberdade, identidade e independência. O governo norte-americano realizou a dominação sobre os países latino-americanos e impôs a permanência de uma América Latina atrelada aos interesses externos.

Os revolucionários cubanos viviam em uma Cuba de sucessivos governos com forte dependência econômica e política. As diferenças para o contexto em que José Martí elaborou suas concepções eram pequenas, e o suficiente para que, em uma outra conjuntura global, lessem seus escritos à luz das necessidades e potencialidades políticas da época. O pensamento de José Martí, na perspectiva de Roberto Retamar⁴³, teria ficado adormecido por quase um século até encontrar terreno fértil para florescer, com muito mais força e concretude no século seguinte, com a Revolução Cubana.

⁴³ RETAMAR, Roberto Fernandez. *Nuestra América y el Occidente*. México: Unión de Universidades de América Latina, 1978.

A releitura e apropriação de Fidel Castro dos discursos de José Martí na elaboração do seu próprio permite pensar uma ideia de continuidade da Revolução Cubana em relação aos movimentos de independência. Em declarações como a "Segunda Declaração em Havana" Fidel Castro não apenas cita Jose Martí como, também, retoma algumas de suas ideias centrais. Fidel Castro declarou que *"os povos da América se libertaram do colonialismo no século passado, mas não se libertaram da exploração. (...) Hoje a América Latina sofre sob a dominação de um imperialismo muito mais feroz, muito mais poderoso e mais implacável do que o império colonial espanhol"*.⁴⁴ Ele se referiu aos Estados Unidos ao pronunciar essas palavras e, assim como José Martí, se propôs a lutar contra os norte-americanos e a interferência destes em Cuba, bem como pôs Cuba na posição de exemplo de luta pela autonomia frente aos Estados Unidos.

Ainda que em contextos distintos, há no discurso revolucionário cubano e em todo o processo que ele desencadeia resquícios da preocupação com a autenticidade na identidade latino-americana. As ações revolucionárias de Fidel Castro se difundiam entre a luta pela democracia e pelo nacionalismo, bem como para evitar que os Estados Unidos continuassem a controlar Cuba. Segundo Theodore Draper⁴⁵, após o golpe orquestrado por Fulgêncio Batista,⁴⁶ com apoio do governo dos Estados Unidos para se manter no poder, a oposição se dividiu em dois grupos: os eleitoralistas e os insurrecionalistas. Enquanto os primeiros acreditavam em vias pacíficas que levariam a novas eleições gerais, os segundos defendiam o uso das armas e das massas para derrubar a ditadura Batista e instalar um governo democrático. Fidel Castro, colocando-se no grupo insurrecional liderou os movimentos revolucionários em Cuba e elaborou um discurso para legitimar suas ações no interior da ilha.

⁴⁴ CASTRO, Fidel. Segunda Declaração de Havana. Havana, 4 de fevereiro de 1962. In: CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Fidel Castro: Política*. São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 70.

⁴⁵ DRAPER, Theodore. *Castrismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: GRD, 1966, p. 31.

⁴⁶ Episódio orquestrado, em 10 de março de 1952, por Fulgêncio Batista, afastado do governo desde 1944, com auxílio do exército da república.

As primeiras atividades dos revolucionários se deram na província de Oriente, por sua posição estratégica, e a pretensão era apoderar-se de surpresa do quartel e de armas desta província. A ação estava associada a tentativa de levantar o povo, promovendo a greve geral revolucionária, mas sem deixar a possibilidade de fuga para as montanhas para iniciar uma guerra irregular. Segundo Emir Sader, a escolha do local se deveu a tradição revolucionária herdada pela região oriental. Ali tinham se desenvolvido os principais episódios da independência da ilha de Cuba. O próprio Fidel, na sua autodefesa publicada com o título "A História me Absolverá" atribuiu a José Martí a criação intelectual do movimento que ficou conhecido como Movimento 26 de Julho.

Fidel Castro planejou o movimento revolucionário a partir das especificidades do momento vivenciado por Cuba: a “tríade povo - armas – união”, que caracterizava o pensamento de Castro e pelo qual seria possível alcançar a vitória que desejava em 1952. O “povo” representava a necessidade de apoio do movimento revolucionário nas massas. As “armas” seriam a “transformação” da força social e política em força militar. Por fim, a “união” a forma de concentrar todas as forças contra um inimigo comum sob um mesmo objetivo. Segundo Emir Sader a necessidade de desarticular o aparelho burocrático repressivo do Estado se tornava cada vez maior para Fidel⁴⁷. Destruir o governo Batista era destruir suas forças de repressão, aparato de apoio das minorias dominantes. Para que isso acontecesse, no entanto, era necessária a união de todas as forças opositoras ao governo de Fulgêncio Batista. Em "A História me Absolverá" Castro deixa claro que a ideia do ataque ao Quartel Moncada era armar o “povo”, que ele define como

"a grande massa oprimida, à qual tudo prometem, enganam e atraíçoam; que aspira uma pátria melhor, mais digna e mais justa; que é movida por anseios ancestrais de justiça por haver sofrido, geração após geração, a injustiça e a zombaria; que, em todos os sentidos, almeja grandes e sábias transformações e está disposta a dar a última gota de sangue para consegui-lo, quando acredita em alguma coisa ou em alguém, sobretudo quando

⁴⁷ CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Op. cit.* p. 23.

acredita suficientemente em si mesma."⁴⁸

O “povo”, nesse sentido, seria o apoio necessário para a luta legítima de Fidel Castro contra o governo de Batista. Armar o povo significava desarmar o exército, e aglutinar sob um objetivo as diferentes ideologias no interior de Cuba. Fidel Castro, em *A História me Absolverá* proclama que o “povo” deveria lutar por seus objetivos e diz: *"A esse povo, cujos caminhos de angústia estão calçados de fraudes e falsas promessas, não diríamos: 'Vamos dar-te', mas sim: 'Aí tens, luta agora com todas as tuas forças para que sejam tuas a liberdade e a felicidade!'"*⁴⁹ O líder da Revolução Cubana chamou as massas a se apoiarem e a lutarem juntas.

Em 1975 Fidel Castro declarou que *"o assalto ao quartel Moncada não significou o triunfo da revolução naquele instante, mas apontou o caminho e traçou um programa de libertação nacional que abriria à nossa pátria as portas do socialismo"*⁵⁰. Desde sua prisão, quando escreveu sua defesa, Fidel Castro já projetava um futuro de vitória para as ações revolucionárias as quais tinha liderado. A última frase, que é, também, o título da publicação expõe como seu projeto político foi produzido visando um futuro que viria a redimir os erros do episódio do Quartel Moncada. A narrativa elaborada para a Revolução Cubana estava, a todo momento, defendendo os erros e traçando um novo futuro de vitória para as ações revolucionárias.

Em *A História me Absolverá*, referindo-se ao julgamento a que estavam sendo submetidos ele e seus companheiros, Fidel salientou que os papéis estavam sendo invertidos, os acusados estavam se tornando acusadores ao passo que relatavam todos os crimes com os quais sofreram e acusadores estavam se tornando acusados, visto as medidas que tomaram para reprimir o levante insurrecional. Diz ele: *"Não importa que valentes e dignos jovens tenham sido condenados, pois amanhã o povo*

⁴⁸ CASTRO, Fidel. *A História me Absolverá*. São Paulo: Expressão Popular, 2011. p. 39.

⁴⁹ *Ibid.* p. 41.

⁵⁰ CASTRO, Fidel. Do relatório do Primeiro Congresso do Partido Comunista em Cuba. Havana, 17 de dezembro de 1975. In: CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Op. cit.* p. 145.

condenará o ditador e seus cruéis esbirros"⁵¹.

Segundo a narrativa que acompanhou a Revolução Cubana desde 1953 a derrota militar do episódio de Moncada se converteu em vitória anos depois, em 1º de janeiro de 1959, quando Fulgêncio Batista, pressionado pelo exército revolucionário, abandonou Cuba. Os líderes revolucionários declararam que, naquele momento, havia se concretizado a Revolução. Diferentemente de 1895, quando das lutas pela independência, a Revolução não se frustraria. As propostas, então, segundo "A História me Absolverá" estavam relacionadas a seis problemas vivenciados pelo povo cubano: a terra, a industrialização, a moradia, o desemprego, a educação e a saúde; e perpassavam pela Reforma Agrária, Reforma Integral do Ensino, Nacionalização dos Truete de Eletricidade e do Truete de Telefonia, entre outros. O imperialismo norte-americano estava enfraquecido e sua interferência em Cuba logo seria limitada⁵².

Movimentação política da Revolução Cubana

No intermédio dessas mudanças de cunho nacionalista e democrático, uma narrativa que delimitasse o espaço de atuação da Revolução Cubana se fez imprescindível. O projeto político precisava ser delimitado na linguagem para que se concretizasse de acordo com os objetivos traçados por Fidel no início da Revolução: fim da ditadura Batista e restabelecimento da Constituição de 1940 por ele extinta. O anti-imperialismo, marca muito forte do levante revolucionário, estava presente no movimento ao passo que se esperava frear a intervenção norte-americana na política do país e foi alimentado com mais intensidade à medida que o governo dos Estados Unidos intervinham mais frequentemente na ilha, fosse em questões políticas, econômicas ou sociais. A partir de 1959 e das mudanças implementadas quando os revolucionários chegaram ao poder, a relação Cuba-Estados Unidos tornou-se ainda mais delicada. De um lado a potência imperialista procurando garantir seus interesses sobre Cuba; de outro a ilha buscando a autonomia ameaçada desde as lutas pela independência. Segundo Emir Sader, a trajetória de Fidel Castro e da Revolução

⁵¹ CASTRO, Fidel. *A História me Absolverá*. São Paulo: Expressão Popular, 2011. p. 16.

⁵² *Ibid.* p. 45

Cubana se daria paralelamente a uma estreita relação com o inimigo do norte⁵³.

Segundo o autor, Fidel “*ao centrar sua visão mais diretamente sobre as bases sociais da ditadura e perceber os vínculos dos sucessivos governos com a embaixada norte-americana, vinculava o patriotismo ao nacionalismo e este ao anti-imperialismo*”⁵⁴. O pensamento, bem como as ações, de Fidel representou um momento fundamental no desenvolvimento do pensamento anti-imperialista. Segundo Fidel Castro, as ações ofensivas do imperialismo norte-americano consistiam em impedir que os povos latinos se libertassem e adquirissem sua própria autonomia para manter seus interesses monopolistas. Assim como Martí, não conseguia ver vantagem numa associação entre os Estados Unidos e os países da América Latina. Segundo Castro, uma Aliança para o Progresso com o imperialismo não seria uma decisão acertada, uma vez que os Estados Unidos subjugavam povos e os exploravam. O teor anti-imperialista da Revolução se tornou mais presente no momento das investidas de Castro após o exílio em decorrência do ataque ao Quartel Moncada. Nesse sentido, ocorreu, nos discursos da Revolução Cubana, uma polarização ideológica entre a própria Revolução e o imperialismo dos Estados Unidos. Enquanto Cuba seria a nação dos povos, os imperialistas seriam a nação que explora dos povos.

*"Diferenciamo-nos dos Estados Unidos em que os Estados Unidos são um país que explora a outros povos, em que os Estados Unidos são um país que se apoderou de uma grande parte dos recursos naturais do mundo e que faz trabalhar em benefício de sua casta de milionários dezenas e dezenas de milhões de trabalhadores em todo o mundo. E nós não somos um país que se tenha apoderado, nem esteja lutando por apoderar-se, dos recursos naturais de outros povos. Não somos um país que esteja tratando de fazer trabalhar os operários de outros povos para o nosso benefício. Somos exatamente o contrário: um país que está lutando para que seus operários não tenham de trabalhar para a casta de milionários norte-americanos."*⁵⁵

Nesse intermédio da Revolução Cubana, a relação Cuba-Estados Unidos sofreu uma

⁵³ CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Op. cit.* p. 13

⁵⁴ *Ibid.* p.22

⁵⁵ CASTRO, Fidel. Discurso de 16 de abril de 1961. Havana: 16 de abril de 1961. In: CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Op. cit.* p. 57.

tensão e esgarçou-se até romper. Ao passo que a Revolução foi assumindo um caráter marxista-leninista, o socialismo foi se tornando a ideologia revolucionária do movimento. Diante dos conflitos internacionais no contexto de Guerra Fria, romper com os Estados Unidos e inclinar sua ideologia ao lado da União Soviética representava mudar não apenas a política no interior da própria Cuba, como também inserir-se num contexto ainda mais amplo.

Segundo Fidel Castro, o que amedrontava os Estados Unidos era a possibilidade de Cuba exportar a Revolução aos outros países da América Latina, ao passo que, segundo o próprio Castro isso não seria possível. Segundo ele, a revolução era uma condição possível a todos os países da América. Retomando o pensamento de José Martí a respeito da identidade da América Latina, no entanto, Fidel Castro alegou que a revolução deveria ser feita de acordo com as particularidades de cada povo. A medida que o imperialismo explorava os países da América, que os povos subjulgados alimentavam a riqueza das minorias e que a América caíra em uma situação de dependência com os Estados Unidos, a Revolução seria uma forma de salvação. Como em Martí as lutas pela independência viriam para redimir Cuba dos anos de colonialismo, a Revolução seria a forma única, segundo Fidel, de livrar os povos da exploração. Cuba, no entanto, não seria capaz de exportar a Revolução. Cuba somente poderia dar, e assim o fazia, o exemplo. Indaga: *"E o que ensina a Revolução Cubana?"*, ao que responde: *"Que a revolução é possível, que os povos podem fazê-la, que no mundo contemporâneo não há forças capazes de impedir o movimento de libertação dos povos."*⁵⁶

Em paralelo à mudança ideológica, ocorreu a mudança do discurso da Revolução. Delimitar o movimento democrático e nacionalista foi importante para a legitimação e avanço da Revolução Cubana, no entanto, a mudança no poder revolucionário implicaria uma mudança no discurso que o acompanhava. Os discursos de Fidel Castro revelam muito de seu pensamento e muito da transição ideológica do movimento revolucionário isso porque, segundo Theodore Draper

"êle não podia antecipar, em 1953, em 1957 ou em 1960, o que seria indiscreto ou comprometedor anos depois. Não podia prever quais manifestos e declarações, uma vez dados ao mundo e imbuídos de evidente sinceridade ou até mesmo inocência, teriam de ser banidos para um limbo histórico por não se ajustarem à novas políticas ou novas circunstâncias."⁵⁷

Durante a transição ideológica, portanto, muitas foram as mudanças nos discursos que acompanhavam as ações revolucionárias. Tomar e mudar posições no contexto em que o mundo vivia e defendê-las era uma questão delicada. Fidel Castro o fez diversas vezes. O que veremos no próximo capítulo é como se delimitaram esses discursos no momento inicial da Revolução Cubana, quando o nacionalismo, a democracia e o imperialismo eram os principais objetivos.

⁵⁶ CASTRO, Fidel. Segunda Declaração de Havana. Havana, 4 de fevereiro de 1962. In: CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Fidel Castro: Política*. São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 81.

⁵⁷ DRAPER, Theodore. *Op. Cit.* Rio de Janeiro: GRD, 1966, p. 12.

A construção da narrativa de continuidade entre Fidel Castro e José Martí

Apropriação de Fidel Castro dos discursos de José Martí

A aproximação da Revolução Cubana aos escritos de Martí a partir da narrativa referente ao movimento revolucionário foi bastante ampla. Com seu legado intelectual, Martí contribuiu para a efetiva aproximação e apropriação do passado e da história de Cuba. Isso marca a busca pela legitimação do processo revolucionário iniciado nos levantes de 1953 e, mais tarde em 1959. Uma busca caracterizada pela noção de que o povo cubano sempre esteve em movimento pela liberdade, desde as primeiras lutas pela independência do jugo espanhol no século XIX.

Para Martí as lutas pela independência, iniciadas em 1868 representavam uma tarefa a ser cumprida. Não à toa dedicou sua vida e seu trabalho à organização de uma guerra necessária. No intermédio da narrativa referente à Revolução Cubana a luta do povo cubano teria se iniciado no contexto em que José Martí não apenas apontou o perigo do governo imperialista dos Estados Unidos, mas pôs-se a lutar contra ele. O passado de Cuba foi usado de forma a dar consistência a Revolução Cubana que seria, assim, uma continuidade, um desdobramento do projeto revolucionário martiano.

Nesse sentido, Castro anulou o passado que o separava de José Martí e pôs-se a lutar a batalha iniciada pelo líder das lutas pela independência da ilha. Cuba não havia alcançado autonomia e liberdade ao se tornar independente e, portanto, o projeto político pelo qual Martí lutou não foi concretizado. A ideia de continuidade que liga a Revolução Cubana às lutas pela independência se localizam justamente no imaginário criado por Fidel Castro de que cabia a ele recuperar a batalha, já iniciada por José Martí, para que um projeto político de autonomia e liberdade alcançasse sucesso na ilha.

Uma das características da continuidade do movimento revolucionário em relação às ações e escritos de Martí já foi abordada. Trata-se da ideia de que o líder das lutas pela independência foi o primeiro a reconhecer e a apontar o perigo

representado pelo imperialismo norte-americano. Segundo o próprio Fidel Castro, José Martí

*"sabia das suas antigas pretensões de se apoderar de Cuba em virtude da política expansionista do 'destino manifesto', a que se somava agora a nova tendência imperialista surgida do desenvolvimento capitalista dos Estados Unidos, que ele soube ver com clareza impressionante."*⁵⁸

A preocupação de José Martí com a liberdade da ilha de Cuba não estava concentrada, apenas, na relação colonial com a Espanha, mas, para além, no perigo representado pela ambição do governo dos Estados Unidos em anexar seu território. Sendo os Estados Unidos o grande inimigo da nação de Cuba e grande opositor a Revolução, os discursos de Fidel Castro, calcados nas ideias de Martí, localizam a ameaça já no século XIX. Diante disso, o conflito entre Cuba e Estados Unidos, decorrente do processo de intervenção do governo americano na ilha, é tratado como uma questão histórica e uma situação que deve ser superada pela Revolução Cubana.

A releitura de Fidel Castro dos discursos de José Martí sustentou a narrativa da Revolução Cubana, que abordava problemas também encontrados nos discursos martianos. Ambos tinham dificuldades em ver vantagens em uma aliança com os Estados Unidos. Enquanto José Martí via com desconfiança pan-americanismo projetado pelo governo norte-americano, para Fidel Castro uma Aliança para o Progresso seria um erro, uma vez que essa aliança daria forças ao imperialismo. Ou seja, tanto Castro quanto Martí eram contra uma associação que ligasse Cuba (ou a América Latina) aos Estados Unidos, pois dessa forma estariam fortalecendo a intervenção norte-americana nessas nações.

Exatamente por isso, a autonomia da ilha de Cuba era a preocupação central nos discursos de ambos. Martí acusava que os países da América Latina achavam ter-se libertado da colonização espanhola e, no entanto, tinham de declarar uma segunda independência contra os Estados Unidos. Fidel Castro não procurou anular os anos em que Cuba esteve sob o imperialismo dos Estados Unidos, mas buscando se afastar

⁵⁸ CASTRO, Fidel. Do relatório do primeiro Partido Comunista de Cuba. In: CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Fidel Castro: Política*. São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 132

desse passado, na ideia de continuidade dos movimentos de 1895, declarou que Cuba soube redimir-se dos anos em que passou sob a tutela norte-americana:

*"Cuba também caiu nas garras do imperialismo. Suas tropas ocuparam nosso território. A Emenda Platt foi imposta a nossa primeira Constituição, como cláusula humilhante que consagrava o odioso direito de intervenção estrangeira. Nossas riquezas passaram as suas mãos, nossa história foi falseada, nossa administração e nossa política moldadas inteiramente aos interesses dos interventores; a nação submetida a sessenta anos de asfixia política econômica e cultural. Mas Cuba se levantou, Cuba pôde redimir a si mesma da tutela bastarda. Cuba rompeu as cadeias que atavam sua sorte ao império opressor, resgatou suas riquezas, reivindicou sua cultura e hasteou a bandeira soberana de Território e Povo Livre da América."*⁵⁹

Nesse sentido, a segunda independência da qual José Martí e o próprio Fidel Castro falaram⁶⁰ foi declarada por Cuba a partir da Revolução Cubana em 1959.

A polarização entre Cuba e Estados Unidos, presente nos discursos de Castro e de Martí é uma forte característica da narrativa dos pensadores. No discurso de 16 de abril de 1961⁶¹, Castro fez uma longa distinção entre as duas nações seguida da definição que dá ao imperialismo (muito particular, da atuação do governo norte-americano frente aos países latinos). Castro coloca Cuba em posição contrária aos Estados Unidos, contrapondo a posição dos países. A polarização por ele projetada, no entanto, pode ser vista antes, nos discursos de José Martí, que diz que o "povo loiro do continente" não se parece com Cuba nas "imperfeições políticas, que são diferentes das nossas"⁶².

O discurso de Fidel Castro calcado no pensamento martiano promove a manutenção do imaginário da continuidade de um movimento pelo outro. Dentre as características encontradas nessa narrativa estão os conceitos centrais para o presente

⁵⁹ CASTRO, Fidel. Segunda declaração de Havana. In: CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Op Cit.* p. 64

⁶⁰ *Ibid.* p. 70

⁶¹ CASTRO, Fidel. Discurso de 16 de abril de 1961. In: CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Op Cit.* p. 57 - 62

⁶² MARTÍ, José. *Nossa América = Nuestra América* / José Martí. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011. p. 34

trabalho: nacionalismo e imperialismo. Tanto Castro quanto Martí mobilizam tais conceitos na elaboração dos seus pensamentos e discursos de forma que ambos localizam a discussão da relação entre Estados Unidos e Cuba na articulação de tais conceitos. Assim, para analisar a apropriação de Fidel Castro sobre os discursos de José Martí, faz-se necessária uma breve discussão a respeito dos mesmos no discurso de ambos, atentando para as mudanças de significado que sofreram ao longo do tempo.

O uso do conceito de Imperialismo por José Martí e Fidel Castro

As teorias marxistas sobre o imperialismo o associam ao capitalismo e a necessidade de busca de novos territórios e mercados. Nesse sentido o imperialismo seria o reflexo do desenvolvimento do capitalismo e, simultaneamente, o seu resultado. As rivalidades territoriais caracterizadas pelo ato imperialista, assim, são consequências da maturidade capitalista. Roberto Fernandez Retamar⁶³ associa, ainda o capitalismo ao Ocidente, de forma que tais conceitos aparecem atrelados em sua perspectiva, ou seja, sendo o imperialismo resultado do capitalismo, ele seria, então, obra resultante do ocidentalismo.

As primeiras incursões imperialistas foram concretizadas a partir de laços de dependência colonial, em que países europeus (metropolitanos) exploravam territórios do além-mar: América, África e Ásia (colônias exploradas). Diante disso e a partir da perspectiva de Retamar, a colonização foi, antes a ocidentalização da América de forma metódica.

"Pero la llegada de los europeos paleocidetales a estas tierras, llegada que podría llevar distintos nombres (por jemplo, El Desastre), ha sido reinteradamente llamada descubrimiento, El Descubrimiento. Tal denominación, por sí sola, implica una completa falsificación, un Cubrimiento de la historia verdadera. Los hombres, las culturas de estas tierras, pasan así a ser cosificados, dejan de ser sujetos de la historia para ser 'descubiertos' por el hombre, como el paisaje, la flora y la fauna. (...) Así

⁶³ RETAMAR, Roberto Fernandez. *Nuestra América y el Occidente*. México: Unión de Universidades de América Latina, 1978

*se inició la metódica occidentalización de América.*⁶⁴

Ignorando a existência de uma sociedade já estabelecida, portanto, os países imperialistas, pretendendo garantir seus interesses, transplantaram para a América (África e Ásia) seus modelos políticos, econômicos e sociais. Desenharam-na segundo suas necessidades industriais, alegando, desta forma, propagar a civilização.

José Martí, preocupado com a identidade da América Latina referiu-se aos indígenas americanos como primeiros antecessores do continente, reafirmando uma identidade comum latino-americana apoiada na origem indígena. Para ele a mestiçagem era o que caracterizava a identidade dos povos da América. Por esse motivo, denunciou fortemente a "importação" de padrões herdados por *"cuatro séculos de práctica libre nos estados Unidos, ou dezenove séculos de monarquia na França."*⁶⁵ e rejeitou governos que não viessem do próprio país. Foi nesse sentido que José Martí pôs-se a lutar contra a colonização espanhola, e, em seguida contra a ameaça representada pelas investidas norte-americanos em relação a América Latina.

O termo colonialismo aparece em sua obra como um inimigo a ser combatido, com a vida se assim fosse necessário. Diz Martí que o inimigo é *"o gobierno ajeno que ahoga y corrompe las fuerzas del país, y la constitución colonial que impediría en la patria libre la práctica pacífica de la independência."*⁶⁶ A luta contra o inimigo significava, então, o fim do colonialismo e o que viria a ser um destino de liberdade e independência. Tamaña era, portanto, a necessidade de, *"con el espíritu magnánimo y cierto y con sus métodos rápidos y seguros"*⁶⁷, combater a constituição colonial. Martí teve que preparar a guerra e fazê-la possível.

Sendo, no entanto, a guerra martiana realizada quase um século depois da guerra bolivariana a primeira se realizaria em condições distintas das enfrentadas por Simon Bolívar. Cuba já não se via obrigada apenas a combater o sistema colonial

⁶⁴ *Ibid.* p. 12

⁶⁵ MARTÍ, José. *Op. Cit.* p. 16

⁶⁶ MARTÍ, José. El Partido Revolucionario Cubano. In: MARTÍ, José *Textos de Combate*. México: Universidad Autónoma de México, 1980. p. 170

⁶⁷ *Ibid.* p. 171

implantado pela Espanha, mas, para além, precisava deter a ameaçada do país que, nesse momento, encabeçava as investidas imperialistas: os Estados Unidos.

A Segunda Guerra Mundial foi um golpe contra o colonialismo e a descolonização foi apoiada pelos Estados Unidos em nome da ideia das "portas abertas". Dessa forma, os mercados (internacionais) ficariam abertos para que o competidor mais forte - no caso, os próprios norte-americanos - os tomassem. Assim, se assentaram as bases ideológicas para que a América Latina fosse novamente colonizada. Segundo Fidel Castro, *"a intervenção do governo dos Estados Unidos na política interna dos países da América Latina foi sendo cada vez mais aberta e desenfreada."*⁶⁸ Nesse momento, os termos imperialismo e neocolonialismo se confundem. Se boa parte da América esteve em possessão da Espanha, agora, portanto, o "império informal" estava sendo tomado pelos Estados Unidos.

Segundo Roberto Fernandez Retamar, se antes falar em América Latina só era possível a partir de sua relação com os países ocidentais europeus, nesse momento falar *"de la America Latina y el mundo occidental será hablar de nuestra relación con los Estados Unidos"* uma vez que esta nação

*"que en 1776 proclamara, por vez primera en América, su derecho a la independencia y realizara una gran revolución anticolonial, y apenas un siglo después despuntaba com el nuevo amo de los países de la otra América."*⁶⁹

Essa relação converteu-se em um dos temas centrais na elaboração da intelectualidade de finais do século XIX. Nesse sentido, imperialismo norte-americano será presente tanto no discurso de José Martí bem como o será, mais tarde, na narrativa de Fidel Castro.

O imperialismo, assim como o colonialismo aparece nas obras de José Martí com forte vínculo à uma necessária luta. Era preciso evitar que os Estados Unidos avançassem pelas Antilhas, e a independência de Cuba, segundo Martí, seria uma

⁶⁸ CASTRO, Fidel. Segunda Declaração de Havana. In: CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Op Cit.* p. 70

⁶⁹ RETAMAR, Roberto Fernandez. *Op Cit.* p. 31

forma de fazê-lo. Escreveu em 18 de maio de 1895, às vésperas de sua morte, ao seu amigo Manuel Mercado:

*"ya estoy todos los días en peligro de dar mi vida por mi país y por mi deber - puesto que lo entiendo y tengo ánimos con qué realizarlo - de impedir a tiempo con la independencia de Cuba que se extiendan por las Antillas los Estados Unidos y caigan, con esa fuerza más sobre nuestras tierras de América."*⁷⁰

Se para uma parcela da intelectualidade a aliança com os Estados Unidos podia ser uma atitude acertada, José Martí reconhecia a forte ameaça representada pela *"era del predominio de los Estados Unidos sobre los pueblos de la América"*⁷¹.

Segundo Fidel Castro, Martí em sua sensibilidade e percepção não se enganou ao declarar sua preocupação com os Estados Unidos. Diz ele: *"Já Martí em 1895, apontou o perigo que ameaçava a América e chamou o imperialismo pelo nome: imperialismo."*⁷² E, ao realizar uma leitura das obras do líder das lutas pela independência atualizou seu sentido à luz do momento em que vivia.

O termo imperialismo aparece como central, também, em diversos discursos de Fidel Castro que condena as investidas norte-americanas sobre os países da América Latina. Para ele, a ofensiva imperialista pretendia, mais que dominação territorial, controlar a política e a economia de países como Cuba, por exemplo, e evitar que esses países lutassem para recuperar sua autonomia. Segundo Castro, o imperialismo não apenas comete crimes contra o mundo, mas o lesa *"não somente roubando o petróleo, os minerais, o fruto do trabalho dos povos, mas lesa o mundo moralmente, impingindo-lhe mentiras e as coisas mais truculentas que alguém possa imaginar"*⁷³.

Por vezes o termo imperialismo se confunde com o próprio Estados Unidos na obra de Fidel, ou seja, o conceito personifica as ações do governo norte-americano.

⁷⁰ MARTÍ, José. Carta a Manuel Mercado. *Op Cit.* p. 208

⁷¹ MARTÍ, José. Congresso Internacional de Washington: su historia, sus elementos y sus tendencias. *Op Cit.* p. 94

⁷² CASTRO, Segunda Declaração de Havana. In: CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Op Cit.* p. 63

Nesse sentido, seria o imperialismo o conjunto de forças opostas à Revolução Cubana frente ao qual a própria Revolução se estabeleceu. A dicotomia "imperialismo ou revolução", portanto, ganha cada vez mais força nos discursos de Fidel Castro. Referindo-se ao episódio do assalto ao quartel Moncada, declara Castro:

*"O imperialismo ianque era extraordinariamente poderoso e, se a revolução tivesse sido posta diante da alternativa de claudicar ou de perecer, teria, sem dúvida, antes perecido que claudicado. Mas a história não transcorre, em nenhum país, sem essas alternativas imponderáveis e, às vezes, trágicas. O importante para abrir o caminho do futuro em determinadas circunstâncias é a vontade inquebrantável de luta e a própria ação revolucionária."*⁷⁴

Assim, Revolução Cubana e imperialismo assumem posições não apenas contrárias, mas polarizadas em seu discurso. Fidel Castro lutando pela democracia e pelo fim da ditadura de Batista em Cuba posiciona-se no lado oposto ao imperialismo e em seu pensamento Cuba polariza com a nação norte-americana. A esse pensamento fortemente anti-imperialista, mais tarde, viria a se somar o socialismo, que Roberto Fernandez Retamar chama de "posocidente".

Para ambos os intelectuais o ato imperialista (seja caracterizado pelo colonialismo ou pelo neocolonialismo) se opõe a pátria de Cuba bem como dos países latino-americanos. Nesse sentido, livrar-se das relações de dependência em que um domina o outro seria, então uma forma de recuperar a soberania desses países. Diz Fidel Castro: *"A odiosa e brutal campanha desencadeada contra nossa pátria expressa o esforço tão desesperado quanto inútil que os imperialistas fazem para evitar a libertação dos povos. Cuba doí de maneira especial aos imperialistas"*⁷⁵. Cuba dói aos imperialistas, aqui caracterizados pelos Estados Unidos, pois estes, segundo Fidel Castro, receavam uma revolução latino-americana para tomada da liberdade: *"liquidando a Revolução Cubana acreditam dissipar o medo que os*

⁷³ CASTRO, Fidel. Discurso de 16 de abril de 1961. In: CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Op Cit.* p. 60

⁷⁴ CASTRO, Fidel. Do Relatório do Primeiro Congresso do Partido Comunista de Cuba. In: CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Fidel Castro: Política.* São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 145

⁷⁵ CASTRO, Fidel. Segunda Declaração de Havana. In: CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Fidel Castro: Política.* São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 67-68

atormenta, o fantasma da revolução que os ameaça. Liquidando a Revolução Cubana, acreditam liquidar o espírito revolucionário dos povos. Pretendem em seu delírio que Cuba é exportadora de revoluções."⁷⁶

Se para Martí a guerra era necessária para livrar o povo da colonização, pois com ela se chegaria a um estado de bem-estar maior, para Fidel Castro a revolução, ainda que não pacífica, era legítima para garantir a autonomia de Cuba frente ao imperialismo. Ou seja, Fidel Castro deu continuidade ao legado deixado por José Martí quanto as lutas pela autonomia de Cuba. Uma vez que morto em combate contra o colonialismo espanhol e as ameaças norte-americanas, José Martí não pôde concretizar seu projeto político, coube a Fidel Castro retomá-lo e, à luz do contexto em que vivia, realizá-lo.

O uso do conceito de Nacionalismo por José Martí e Fidel Castro

Além do conceito de imperialismo, utilizado pelos autores na relação de Cuba sobretudo com os Estados Unidos, o conceito de nacionalismo também foi muito explorado por ambos. Esse conceito aparece associado ao primeiro ao passo que ao frear a intervenção estrangeira em Cuba estavam preocupados e pretendiam estabelecer uma identidade para ilha. O nacionalismo, aparece, então, para José Martí e para Fidel Castro como central na elaboração de seus discursos.

Segundo Benedict Anderson⁷⁷ nacionalidade e nacionalismo são produtos culturais específicos. Para entendê-los é preciso considerar suas origens históricas e como os significados mudaram ao longo do tempo. Segundo o autor, a nação seria uma comunidade política imaginada como limitada e ao mesmo tempo soberana. Eric Hobsbawm⁷⁸ por sua vez indica que não há critério satisfatório para decidir quais coletividades humanas deveriam ser rotuladas dentro de uma nação, mas a define, no entanto, como qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros

⁷⁶*Idem.*

⁷⁷ ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia de Letras, 2008.

consideram-se membros de uma nação. Segundo Hobsbawm, a nação é uma entidade social ao passo que está associada a uma forma de Estado territorial, o Estado-Nação, e não faz sentido discutir nação e nacionalidade fora dessa relação. O autor diz, ainda que o nacionalismo vem antes das nações, as últimas não formam os Estados e os nacionalismos, mas o contrário.

Não há uma definição única para a nação. O nacionalismo, no entanto, sustenta a existência de um Estado nacional e se compromete com a proteção de seus interesses e manutenção de sua cultura. As unidades nacionais da América Latina seriam forjadas, assim, na tensão de sentimentos em relação aos espanhóis e, mais tarde aos norte-americanos. Nesse sentido, os nacionalistas não aceitam que o governante de uma unidade política pertença a outro grupo que não o da maioria daquela nação. O nacionalismo, portanto, influenciou muito os movimentos anticoloniais, uma vez que a colonização era uma ameaça a unidade política determinada pelas nações colonizadas.

O momento vivenciado por José Martí no século XIX é de construção dos Estados Nacionais na América Latina. Aqui, as manifestações nacionais ocorriam paralelamente com a ruptura dos pactos coloniais e os conceitos de nação e nacionalismo são chaves e, sendo polissêmicos sofrem, ao longo do século profundas transformações semânticas. A nação seria, uma construção política e, no entanto, Cuba ainda não havia se tornado um Estado Nacional Independente, ou seja, estava longe de alcançar uma identidade nacional consolidada. No entanto, o nacionalismo, sendo anterior à Nação já aparecia nos escritos de José Martí, que falava em favor de uma identidade para a América Latina, repudiando a imposição de uma outra cultura e um outro governo aos países latinos. Reconhecia Cuba como uma nação e assim a chamava. Martí, portanto, viveu em um momento em que as discussões a respeito da constituição da nação eram muito recorrentes, porém, não a possuindo, exercitou um olhar para dentro apontando para questões constituintes do que entendia ser a identidade de Cuba e da América Latina.

⁷⁸ HOBBSAWM, Eric. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de

No momento em que as nacionalidades estão sendo forjadas na América Latina, acentua-se a preocupação de pensadores em superar a mentalidade colonial cultivada, até então, pelas elites políticas, militares e acadêmicas. Nesse sentido, a nação aparece nos escritos de Martí como um projeto ainda em processo buscando a própria liberdade. Diz ele: "*De fatores tão decompostos, jamais, em menos tempo histórico se tem criado nações tão adiantadas e compactas.*"⁷⁹ Nesse sentido, a nação seria algo em construção, ainda tentando estabelecer parâmetros que a definissem. Somente dessa forma seria possível libertar-se da interferência da Espanha e prevenir-se do imperialismo norte-americano. As nações em formação tinham de forjar sua identidade para que pudessem se diferenciar de outras, tais quais Espanha e Estados Unidos.

O nacionalismo na América Latina, aos olhos de José Martí passava por resgatar as origens históricas, firmando uma identidade única para o continente. A visão martiana realça a continuidade histórica valorizando os tributos nativos e colocando a miscigenação, como que característica da especificidade dos latino-americanos. A ideia da identidade de Martí como característica constituinte da nacionalidade que projeta fica claro quando ele afirma que "*o mestiço autóctone tem vencido ao criollo exótico*"⁸⁰ Ou seja, a identidade de Nuestra América é, ainda, constituinte da percepção de nação por ele forjada.

O nacionalismo, sentimento motor dos movimentos de independência age, no discurso de Martí, em contrapartida às investidas do colonialismo e, mais tarde do imperialismo. Para ele, a independência de Cuba seria conveniente a dois propósitos: primeiro serviria de modelo para outras repúblicas latinas ainda enraizadas nas heranças dos anos de colonização, e segundo seria uma forma de frear a expansão norte-americana pelos países da América Latina. Nesse sentido, constituir uma nação ao longo do século XIX provoca profundas mudanças no poder político, forjando

Janeiro: Paz e Terra, 2004, 4 ed.

⁷⁹ MARTÍ, José. *Nossa América = Nuestra América* / José Martí. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011. p. 16

⁸⁰ *Ibid.* p. 18

instituições e práticas inovadoras no intuito de criar, legitimar e sustentar uma comunidade nacional.

Como assinalou Benedict Anderson⁸¹, as nações, como as estrelas, estão em permanente movimento e podem ser percebidas de diferentes ângulos. Diante disso, por ocasião da Revolução Cubana, no século XX, a nação de Cuba estava em momento diferente daquele em que José Martí atuou. A questão nacional, no entanto, sempre esteve presente nos movimentos populares em Cuba, e, ainda assim, no contexto vivenciado por Fidel Castro, em que a ilha foi posta como local estratégico aos Estados Unidos, o nacionalismo, associado ao anti-imperialismo, ganharam força nas discussões intelectuais.

Após a morte de José Martí se instalou em Cuba o neocolonialismo, em que a ilha ficou submetida, mesmo que sob uma aparente independência, a uma relação de dependência frente aos Estados Unidos, mantendo as estruturas fundamentais da ordem colonial. O temor de Martí havia se concretizado, uma vez que a descolonização não foi capaz de penetrar essas estruturas e seu projeto nacional não obteve sucesso. Assim, a Revolução Cubana de 1959 foi vista como a restauração da ordem que o imperialismo veio quebrar.

Fidel Castro reconhece a situação a qual Cuba foi submetida a partir do imperialismo norte-americano. Nesse sentido, falando mais especificamente sobre a nação de Cuba, traça um perfil de nação em contraste com o imperialismo norte-americano. Cuba seria, nesse sentido o oposto do que seriam os Estados Unidos e a Revolução seria, para Castro, a forma de garantir a soberania da nação de Cuba frente à opressão que sofria e, ainda demonstração de que o direito das "nações irmãs" (FC p.73) deveriam ser reivindicados. O nacionalismo em Cuba, diante disso, teria como função impedir que os ideais imperialistas continuassem atuando sobre as nações latinas. A exemplo de Cuba, outras nações da América Latina tinham de se libertar da exploração norte-americana e garantir sua soberania.

⁸¹ ANDERSON, Benedict. Um inquieto observador das estrelas. In: Tensões Mundiais. Vol. 1, n. 1, 2005.

O conceito de nação aparece, portanto, no discurso de Fidel Castro enquanto uma ordem recuperada e mantida através da Revolução. O objetivo nacional da revolução é expresso pelo anti-imperialismo, combustível motor das investidas revolucionárias ao passo que eliminar a intervenção norte-americana em Cuba era garantir que a nação cubana caminhasse segundo seus princípios, estabelecidos por José Martí, e não regido de acordo com as políticas expansionistas dos Estados Unidos. Nesse sentido, os conceitos de nação/nacionalismo e de imperialismo estão intimamente atrelados no discurso de Castro, já que, muitas vezes, um aparece em relação ao outro como uma contrapartida.

Conclusão

Na elaboração de seu pensamento, José Martí utilizou o passado da América Latina para traçar uma identidade para os povos latino-americanos, bem como para pensar um projeto político para Cuba. Reconhecendo as especificidades de Cuba e as situações pelas quais a ilha havia passado mobilizou a história cubana desde seus ancestrais para criar um discurso nacionalístico e anticolonial, forjando, assim, o que seria a luta dos povos contra a dominação. Fidel Castro, por sua vez, aproximou-se de José Martí ao passo que, não apenas declarou a condição de dependência pela qual Cuba havia passado, mas, também, quando se pôs a lutar contra a situação que permanecia sobre a ilha. A continuidade do projeto da "segunda independência" de Cuba, forjada por Castro, deu-lhe subsídios para avançar com a narrativa da Revolução Cubana: consistia em uma Revolução nacionalista, democrática e anti-imperialista.

Nesse sentido, é possível perceber em seus discursos uma aproximação com Apóstolo, a quem Castro atribuiu, inclusive, o plano intelectual do Movimento 26 de Julho, em que Castro liderou um ataque ao Quartel Moncada, em sua primeira investida contra o governo autoritário de Fulgêncio Batista. O movimento resgatou em Cuba as discussões sobre o nacionalismo, o que foi importante para delimitar o campo revolucionário. O projeto político traçado por Fidel Castro, então, inspirado pelas ações de José Martí, são expressas nos discursos revolucionários, não apenas no momento em que Martí é citado diretamente por Castro, mas sobretudo, ao passo que o teor dado à Revolução Cubana se assemelha aos objetivos das lutas pela independência de Cuba.

A referência a questão nacional sempre esteve presente nas discussões e nas lutas enfrentadas por Cuba. A liberdade projetada por José Martí para a ilha foi ameaçada ao passo que Cuba, caindo em situação neocolonial com os Estados Unidos, não obteve a verdadeira independência. Assim, a Revolução Cubana foi apresentada como a restauração da dignidade que lhe foi tirada. A Revolução seria, portanto, a única forma de libertar Cuba do autoritarismo e do imperialismo que

ameaçavam o projeto nacional traçado para a ilha.

Se a Revolução se iniciou sob um projeto nacionalista, democrático e anti-imperialista, as ações revolucionárias se desenvolveram muito em função da relação de Cuba com os Estados Unidos. A partir do crescente desentendimento nessa relação, a Revolução traçou, gradualmente, um novo plano. Sua direção equacionou o nacionalismo do projeto inicial ao socialismo, estreitando relações com a União Soviética. Nesse sentido, pensar a revolução e os discursos de Fidel Castro enquanto uma elaboração marxista-leninista desde sua origem é perder a riqueza da movimentação de ambos, visto que os discursos de Fidel Castro acompanharam o movimento da Revolução sem perder a aproximação ao discurso e ao plano político traçado por José Martí.

Ao resgatar o discurso de José Martí na elaboração do seu próprio, Fidel Castro resgata, ainda, a história da ilha de Cuba desde a independência. Ele mobiliza a experiência na construção de um horizonte de expectativa. Segundo Koselleck, o processo de determinação do que é experiência e expectativa constitui-se como um "tempo histórico"⁸². Na relação entre o passado e o futuro projetado por Castro, o espaço temporal existente entre ele e Martí é anulado para que, dessa forma, o líder revolucionário se aproxime do Apóstolo no que diz respeito às suas preocupações em relação do futuro de Cuba, como também em relação ao pensamento resgatado. Se José Martí iniciou uma luta sem sucesso, Fidel Castro seria seu sucessor nessa batalha. Essa ideia, enquanto ação revolucionária, só pode ser entendida dessa forma diante dos discursos, das palavras e dos conceitos mobilizados por Fidel Castro na elaboração de uma narrativa para a Revolução Cubana. É no discurso que se consolida a continuidade da Revolução em relação às lutas pela independência (e articula com o histórico passado de luta pela liberdade em Cuba) e se designam os projetos revolucionários. Ou seja, o imaginário criado para Revolução Cubana, atrelado à palavra é de importância fundamental para que acompanhem não apenas a ação de Fidel Castro, como também a inserção de Cuba num contexto ainda maior.

No contexto internacional, o mundo vivia a Guerra Fria. Cuba, que enfrentava dificuldades com os Estados Unidos por conta do imperialismo apontado por José Martí já no século XIX, insere-se nesse contexto intensificando a competição estabelecida entre os blocos socialista e capitalista. Resgatar os discursos martianos durante a Revolução, portanto, à luz das discussões de seu tempo foi um artifício utilizado por Fidel Castro para legitimar as ações revolucionárias dentro do contexto em que vivia. José Martí, inspirou muitas discussões ao seu tempo, e, para além, teve seu pensamento apropriado mais de meio século depois.

⁸² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de

Bibliografia

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia de Letras, 2008.

ANDERSON, Benedict. Um inquieto observador das estrelas. In: Tensões Mundiais. Vol. 1, n. 1, 2005.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2.ed., 2009.

CASTRO, Fidel. *A História me Absolverá*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

CASTRO, Fidel; SADER, Emir. *Fidel Castro: Política*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

DRAPER, Theodore. *Castrismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: GRD, 1966.

DOMINGUES, José Maurício. *A revolução cubana entre o passado e o futuro* in: Análise de conjuntura OPSA. N.3, mar, 2008.

GOUVEIA, Regiane Cristina; PAMPLONA, Marco Antonio Villela. *O enigma latino-americano: construção de identidades e polarizações entre América Latina e Estados Unidos nos escritos de Martí e Rodó*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4 ed, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Contraponto, 2006

MARTÍ, José. *Nossa América = Nuestra América / José Martí*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011

MARTÍ, José *Textos de Combate*. México: Universidad Autónoma de México, 1980.

RETAMAR, Roberto Fernandez. *Nuestra América y el Occidente*. México: Unión de Universidades de América Latina, 1978.